

Crescimento será menor neste semestre

Com o aumento dos salários abaixo da inflação e pagamento de dívidas em atraso, tendência é de que a população compre menos

Vicente Nunes
Da equipe do Correio

A queda real — entre 7% e 8%, desde outubro do ano passado — no poder aquisitivo dos trabalhadores e o crescimento da inadimplência vão segurar o ritmo de crescimento da economia no segundo semestre do ano. Ou seja, com menos dinheiro no bolso e muitas dívidas em atraso para pagar (R\$ 18,7 bilhões, segundo a Associação Comercial de São Paulo) os consumidores vão frear as compras. É o que prevê o secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, José Roberto Mendonça de Barros. "Mas, em nenhum momento, podemos associar o ritmo mais lento da economia a um processo de recessão, no qual as vendas caem sem parar por falta de consumo", diz.

Pelas contas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a economia brasileira cresceu 4,34% nos primeiros seis meses do ano. Esse número, no entanto, não se repetirá no acumulado entre julho e dezembro. Segundo Mendonça de Barros, o Produto Interno Bruto (PIB) — soma de todas as riquezas produzidas no país — deverá fechar o ano com aumento entre 3,5% e 4%. Para que esses números se concretizem, afirma o economista-chefe do Lloyds Bank, Odair Abate, o crescimento da economia no terceiro trimestre será de, no máximo, 3%. Entre outubro e dezembro, o aumento do PIB oscilará entre 1,5% e 2%.

Mendonça de Barros afirma que é preciso olhar com muito cuidado o desempenho da economia quando vai se medir o crescimento. Há setores, como o de eletroeletrônicos, que tiveram grande expansão no início do Plano Real, por causa dos ganhos salariais que as classes mais desfavorecidas tiveram com a queda da inflação e da grande oferta de crédito. Desde o início deste ano, no entanto, as vendas de televisores, geladeiras e aparelhos de som estão 5% abaixo

das do ano passado. Mas nem por isso o setor deixará de investir.

"Só estamos mudando de patamar de consumo. Com a retomada do desenvolvimento e a criação de mais empregos, milhões de novos consumidores entrarão no mercado", afirma Hermann Wever, presidente da Siemens do Brasil, fabricante dos produtos da marca Continental. No próximo dia 12 de setembro, a Siemens inaugura sua mais nova fábrica de geladeiras, em Vinhedo, no interior de São Paulo, que consumiu investimentos de R\$ 60 milhões. "A nossa arma para continuar crescendo é a redução de custos. Na média, nossos produtos estão 20% mais baratos do que há três anos", conta Wever.

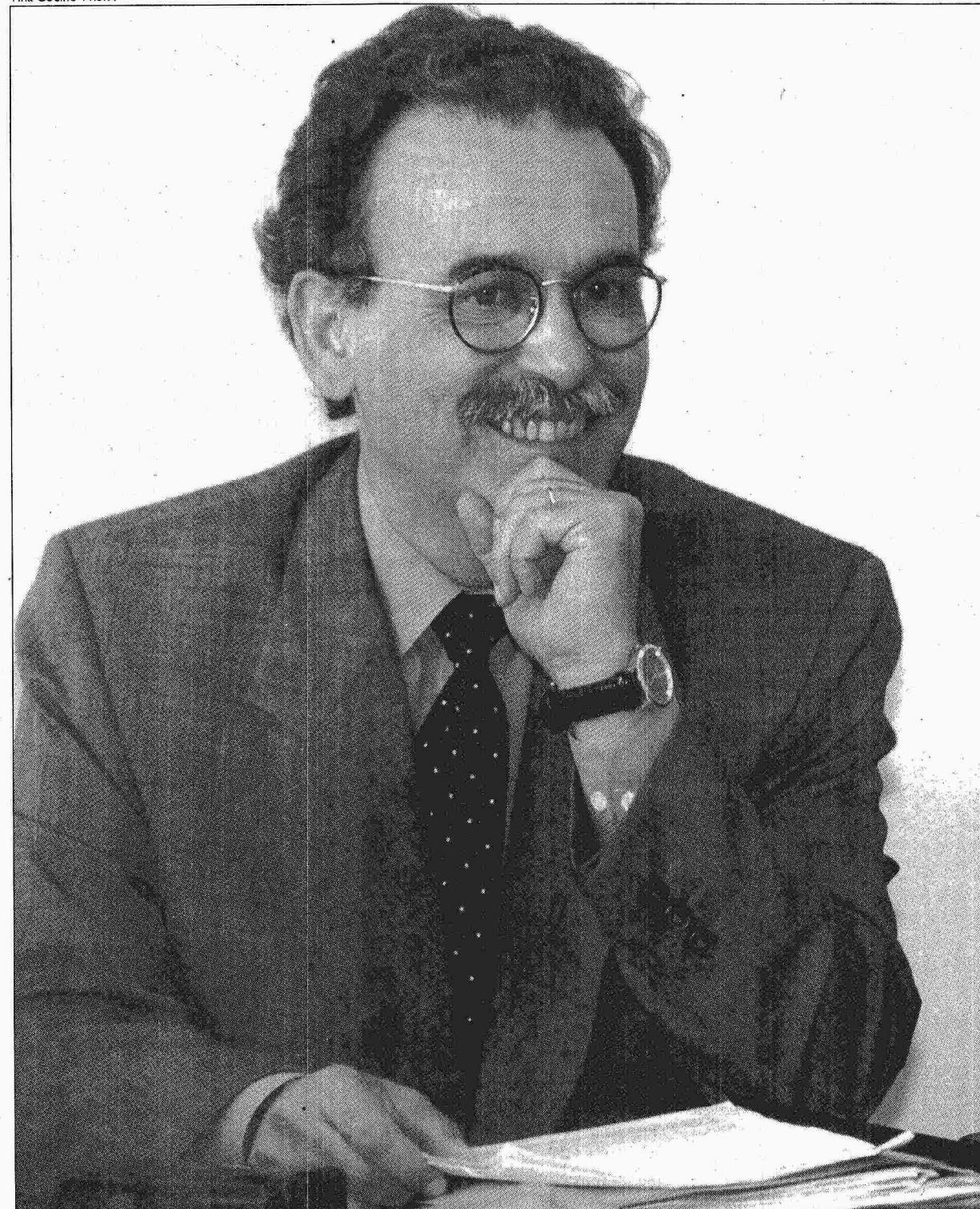
EXPANSÃO

Segundo o secretário de Política Econômica, enquanto a indústria eletroeletrônica registra faturamento menor, outros setores da economia vão se reativando. As vendas de máquinas e equipamentos para a agricultura, por exemplo, aumentaram 33,6% no primeiro semestre. Já a procura por equipamentos para a construção civil cresceu 30%. "Estão ocorrendo alterações de eixo nos setores que sustentam a economia", diz Mendonça de Barros, lembrando que o único setor que continua com vendas em expansão desde o início do Plano Real, em julho de 1994, é o automobilístico.

"Historicamente, a média de estoques de carros nos pátios das concessionárias sempre foi de 20 a 30 dias. Hoje, essa média é de 17 dias. O nosso problema não é de excesso de oferta, mas de falta de produtos. Por isso estamos correndo contra o tempo para abrir novas fábricas", ressalta o vice-presidente da General Motors (GM), André Beer.

Mendonça de Barros admite que a massa salarial não tende a apresentar recuperação nos próximos meses. "A recuperação da renda do trabalhador acontecerá à medida em que a eco-

Tina Coelho 11.3.97



José Roberto Mendonça de Barros: "Não podemos associar o ritmo mais lento da economia a um processo recessivo"

nomia for se desenvolvendo", diz. Segundo o economista Raul Velloso, os trabalhadores terão que se contentar, por um bom tempo, com reajustes abaixo da inflação. "A melhoria de salários virá, mesmo, do aumento da lucratividade das empresas e da par-

ticipação dos trabalhadores nos lucros", afirma Velloso.

Sem perspectivas de reajustes de salários a curto prazo, os trabalhadores devem ficar atentos: as taxas de juros, segundo o secretário de Política Econômica, permanecerão altas. É

que o Banco Central interrompeu o processo gradual dos juros há cinco meses, justamente por não saber ao certo qual o real desempenho da economia. Com a queda da inflação e sem mudanças na política monetária, os juros reais já estão em 15,4% ao ano.